

Materialidade e ritualidade da escola: a produção estudantil do *Jornal Coração de Estudante* no ano de 2007

Resumo

As pesquisas em história da educação pouco repercutem a contribuição dos estudantes à vida do cotidiano escolar, por isso desvelar do ocultamento o que os estudantes faziam, atribuindo-lhes a devida importância na historiografia educacional é tarefa central do presente artigo, que, apoiado em pesquisa bibliográfica, documental e de campo, com base na técnica da história oral, objetiva analisar as edições de setembro e outubro do ano de 2007 do *Jornal Coração de Estudante* (JCE). Explica-se que a entrevista se deu com um dos fundadores do jornal, na época um jovem estudante. Com base em autores como Vidal, Escolano Benito e Viñao Frago, discute-se no artigo que o referido jornal, produzido, inicialmente, pelo Grêmio Estudantil do Colégio Estadual São Cristóvão, localizado no município de São José dos Pinhais, região metropolitana de Curitiba, no Paraná, constituiu-se num artefato que, introduzido no cotidiano da instituição escolar, promoveu não apenas uma mudança de sua ritualidade, como também a visibilidade do pensamento estudantil e das práticas em seu interior.

Palavras-chave: história da educação; cultura material da escola; movimento estudantil; grêmio estudantil.

Rudá Moraes Gandin

Pontifícia Universidade Católica do
Paraná – PUC/PR – Curitiba/PR –
Brasil
rudamgandin@gmail.com

Alboni Marisa Dudeque Pianovski Vieira

Pontifícia Universidade Católica do
Paraná – PUC/PR – Curitiba/PR –
Brasil
alboni@alboni.com

Para citar este artigo:

GANDIN, Rudá Moraes; VIEIRA, Alboni Marisa Dudeque Pianovski. Materialidade e ritualidade da escola: a produção estudantil do *Jornal Coração de Estudante* no ano de 2007. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 24, n. 55, p. 294-317, maio/ago. 2023.

DOI: 10.5965/1984723824542023294

<http://dx.doi.org/10.5965/1984723824542023294>

Materiality and rituality of school: the student production of the "Student Heart" newspaper in the year 2007

Abstract

The researches in history of education have little repercussion on the contribution of the students to the life of the daily school life, therefore, to unveil from concealment what the students did, giving them their due importance in the educational historiography is the central task of this article, which, supported by bibliographic, documental and field research, based on the technique of oral history, aims to analyze the editions of September and October 2007 of the *Jornal Coração de Estudante* (JCE). It is explained that the interview took place with one of the founders of the newspaper, at the time a young student. Based on authors such as Vidal, Escolano Benito and Viñao Frago, the article discusses that the aforementioned newspaper, initially produced by the Student Union of the São Cristóvão State College, located in the city of São José dos Pinhais, in the metropolitan region of Curitiba, Paraná, became an artifact that, introduced in the daily life of the school institution, promoted not only a change in its rituality, but also the visibility of student thought and practices within it.

Keywords: history of education; school material culture; student movement; student union.

Materialidad y ritualidad de la escuela: la producción estudiantil del periódico "Coração de Estudante" (Corazón de Estudiante) en el 2007

Resumen

Las investigaciones en historia de la educación repercuten poco el aporte de los estudiantes a la vida escolar cotidiana, por esa razón, develar del ocultamiento lo que hacían los estudiantes, atribuyéndoles la debida importancia en la historiografía educativa, es la tarea central del presente artículo, el cual, apoyado en investigación bibliográfica, documental y de campo, con base en la técnica de la historia oral, tiene como objetivo analizar las ediciones de septiembre y octubre del año 2007 del *Jornal Coração de Estudante* (JCE, en español Periódico Corazón de Estudiante). Se explica que la entrevista se produjo con uno de los fundadores del periódico, en ese momento un joven estudiante. Con base en autores como Vidal, Escolano Benito y Viñao Frago, se discute en el artículo que dicho periódico, producido inicialmente por el Gremio de Estudiantes del Colégio Estadual São Cristóvão, ubicado en el municipio de São José dos Pinhais, en la región metropolitana de Curitiba, en Paraná, se constituyó en un artefacto que, introducido en el cotidiano de la institución escolar, promovió no solo un cambio en su ritualidad, sino también la visibilidad del pensamiento estudiantil y de las prácticas en su interior.

Palabras clave: historia de la educación; cultura material de la escuela; movimiento estudiantil; gremio de estudiantes.

Introdução

A escola, muitas vezes identificada pela vida de seus corredores, ordinariamente grifados pela diversidade das vozes que os frequentam, dificilmente se constitui à margem da presença estudantil. Com efeito, ainda que amiudadamente centrada na perspectiva dos adultos, ela é forjada, integralmente, por todos os que nela se acham. Por isso, embora conhecida, de longe, pelas características de seus edifícios, os arranjos que a compõem, não obstante estáticos, são movimentados em função da circulação dos pensamentos de seus frequentadores, difundidos por meio de uma série de formas, cujos limites se encontram no interesse acerca de seu adequado funcionamento, quiçá designado pela preocupação com a qualidade da transmissão do conhecimento e o uso dos espaços escolares, que a depender de quem os ocupa, ajuda a definir os posicionamentos ali dominantes.

Devido à heterogeneidade da cultura dos sujeitos que se encontram nas instituições escolares, ocupando cada metro quadrado de seus espaços, é que se entende que o modo de manifestação das opiniões que circundam o seu ambiente é distintivo. Entretanto, compreende-se, ao mesmo tempo, que os sujeitos “habitua ou acomodam sua ação à experiência histórica das instituições nas quais operam, que é anterior à sua própria subjetividade” (ESCOLANO BENITO, 2017, p. 41), porque se acham entrelaçados a uma configuração que, antes de tudo, se estabeleceu em virtude daquilo que Escolano Benito (2017) denominou como “pressão”, seja tácita ou explícita, “exercida sobre os sujeitos ou atores que participam da experiência compartilhada, por meio da força coesiva e normalizadora do ritual firmemente estabelecido pelos usos e costumes, que o criaram e o mantêm, na média ou longa duração” (ESCOLANO BENITO, 2017, p. 77-78).

Por esse motivo, apesar da profusão de ideias a respeito da escola que a circulam, os estudantes, como também os demais sujeitos que nela se encontram, raramente escapam à sua gramática, demarcada historicamente por inaugurações, regimentos, consensos e rupturas, cujo estabelecimento é resultado de relações ancoradas em projetos societários, socialmente definidos, disputados e reproduzidos ao longo dos anos, com a anuência dos sujeitos, que, no cotidiano das instituições escolares, possuem uma pequena margem de manobra para dobrar a ritualidade na qual se acham encerrados. No entanto, todos eles, que se expressam entre os muros da escola, o fazem

porque querem dar a ela um rumo em particular, de modo a convertê-la na síntese de suas vontades, seja no sentido de conformá-la à sociedade vigente ou de transformá-la.

Ao buscarem o emprego de seus posicionamentos, quem na escola se acha dela um participante utiliza-se de algumas formas de comunicação como, por exemplo, o uso da voz em reuniões, assembleias ou conselhos. Todavia o seu uso é limitado, porque implica o comparecimento de todos os que se deseja alcançar no instante em que se pronuncia o discurso em específico. Portanto, ao tomar como objeto de estudo a produção estudantil do *Jornal Coração de Estudante*, no ano de 2007, presume-se que os seus produtores optaram pelo uso do referido artefato para difundir suas ações e pensamentos, muito provavelmente por ocasião da condição que o jornal lhes dava: a de estar a cada instante, em todos os lugares, transmitindo o conteúdo de suas páginas. Isso significava que o jornal possibilitava a realização de um discurso simultâneo que os liberava da necessidade de reunir todos da escola em um mesmo lugar.

No entanto, entende-se que os posicionamentos dos sujeitos em cada espaço das instituições escolares são, habitualmente, revelados de acordo com os recursos que cada grupo dispõe e produz, segundo a posição que ocupam no espaço onde se encontram. Desse modo, torna-se imperativo que a dinâmica da produção do jornal pelos estudantes seja adotada como parte do procedimento metodológico do presente artigo, uma vez que é fundamental o esclarecimento da natureza econômica e política que residia por detrás da impressão do periódico. Então, ao encarar o jornal como objeto, o qual é, ao mesmo tempo, documento, conforme discute Meneses (1980, p. 3) enquanto o enxerga como “suporte físico de informação”, entende-se que sua configuração se insere numa cultura material da escola, pois é em seu interior produzido, moldado, veiculado e impresso. Cabe destacar, todavia, o caráter economicamente modesto e, aparentemente, questionador dos que se encontravam à frente da produção do jornal, ou seja, seus produtores não possuíam grandes recursos e tampouco pareciam conformados com a realidade da sociedade e da escola.

Como a tarefa do historiador ao escrutinar a história se inicia, de acordo com Certeau (2013, p. 69), com “o gesto de separar, de reunir, de transformar em ‘documentos’ certos objetos distribuídos de outra maneira”, convém mencionar que a recuperação do jornal produzido pelos estudantes, denominando *Jornal Coração de*

Estudante, outrora esquecido nas prateleiras de seus fundadores, resignado à decomposição em razão de sua exposição ao tempo, constituiu-se numa oportunidade de conhecer a vida estudantil de seus confeccionadores no ano de 2007, além de possibilitar a compreensão da vida escolar desse período. Assim, o que em aparência era um mero informativo, misturado entre outros objetos, como papéis, livros e revistas, agora é um documento a ser problematizado, indagado e analisado, porque guarda, a seu modo, um pouco da vida dos que o elaboraram, suas convicções e seu curso em um ambiente cuja construção é derivada de um projeto coletivo.

Portanto, o artigo em tela, apoiado em pesquisa bibliográfica, documental e de campo, com base na técnica da história oral, objetiva analisar as edições de setembro e outubro do ano de 2007 do *Jornal Coração de Estudante* (JCE). Ao recorrer aos estudos acerca da cultura material da escola e de seus autores como Vidal (2006; 2017), Escolano Benito (2017) e Viñao Frago (2012), discute-se no artigo que o referido jornal, produzido, inicialmente, pelo Grêmio Estudantil do Colégio Estadual São Cristóvão, localizado no município de São José dos Pinhais, região metropolitana de Curitiba, no Paraná, constituiu-se num artefato, que, introduzido no cotidiano da instituição escolar, promoveu não apenas uma mudança de sua ritualidade, como também a visibilidade do pensamento estudantil e suas práticas. Quanto à instituição em que o jornal circulou, tratava-se de uma escola situada no bairro de nome homônimo ao da instituição de ensino, que possuía, naquela época, mais de mil estudantes¹, distribuídos em turmas de ensino fundamental anos finais e em turmas de ensino médio. A escola, fundada em 1990, segundo a resolução de autorização de seu funcionamento², possuía 17 anos, quando o JCE começou a circular.

Com base nas reflexões sobre o urbano e o corriqueiro das práticas que os marcam, situadas em Certeau (2014), entende-se que a produção estudantil escapa ao “olhar totalizador” dos espaços, preenchidos e esvaziados pelos sujeitos que os

¹ Essa informação pode ser observada em uma das notícias veiculadas pela Câmara Municipal de São José dos Pinhais, no ano de 2007, que tratava da construção de novas instalações na escola: <http://www.cmsjp.pr.gov.br/2007/11/07/colegio-sao-cristovao-tera-nova-instalacao/>. Acesso em: 10 mar. 2023.

² No endereço a seguir, é possível confirmar o ano de autorização do funcionamento da escola, http://www.consultaescolas.pr.gov.br/consultaescolas-java/pages/paginas/atosOficiais/con_atosOficiais_funcionamentoAutorizacao.jsf?windowId=ecc. Acesso em: 09 mar. 2023.

frequentam, olhar esse que enxerga a escola, unicamente, como um lugar de transmissão da cultura e dos saberes que dela derivam, levada a cabo pelos professores. Assim, ao analisar as duas primeiras edições do jornal, verifica-se que, além de expressar um posicionamento político em relação à situação do país naquele período, os estudantes podem ter contribuído para modificar, ao mesmo tempo em que ocupavam os corredores da instituição de ensino com sua produção, grande parte da ritualidade escolar em curso. Com efeito, a partir da publicação do periódico, seus produtores deram, por meio de seus passos – os quais moldam os espaços que ocupavam e de que se retiravam, como sugere Certeau (2014) – mais vida a suas práticas e ideias, revelando uma escola cuja história pode ser retratada por múltiplas vozes, e cuja finalidade e característica reside não só na transmissão do conhecimento de uma geração a outra, mas também nos conflitos, experiências, conquistas e investidas em formar e produzir sujeitos, ora conformados à sociedade em que se achavam, ora dispostos a transformá-la.

Outra informação importante de ser previamente aclarada, refere-se à liderança do Grêmio Estudantil (GE) na publicação do JCE. Responsáveis pela diagramação, escrita e seleção das notícias e textos, os integrantes do GE, organização que se estabeleceu historicamente nas instituições escolares brasileiras, e cujo funcionamento é assegurado em termos legais³ desde 1985, eram os encarregados de dar forma e fazer circular o periódico.

Em relação à opção metodológica pela história oral, os autores do artigo esclarecem que a entrevista, realizada com um dos estudantes que fundou o jornal, cuja idade na época de seu envolvimento era 16 anos, é decorrente do contato que se fez na pesquisa de dissertação⁴ sobre o movimento estudantil do município de São José dos Pinhais. Ademais, os autores explicam, também, que o procedimento que se utilizou na entrevista se orientou pelas contribuições de David (2013), que pondera sobre o caráter conjunto que as entrevistas promovem entre quem as faz e quem as responde.

³ A legislação mais conhecida sobre o funcionamento do Grêmio Estudantil nas escolas é a lei nº 7398, de 4 de novembro de 1985, a “Lei do Grêmio Livre”, promulgada pelo então Presidente da República, José Sarney.

⁴ O estudo mencionado refere-se à dissertação, intitulada “As práticas estudantis da União Municipal dos Estudantes Secundaristas de São José dos Pinhais (2007-2015)”, defendida em 2020, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Um dos autores do presente artigo é o autor da dissertação, cujo desenvolvimento da pesquisa obteve parecer favorável no Comitê de Ética da PUCPR, parecer 4.293.083.

Outrossim, destaca-se que o relato do entrevistado é concernente aos acontecimentos que deram origem ao “Jornal Coração de Estudante”, objeto de análise deste artigo. Sobre o entrevistado, é importante que se registrem duas informações: ele foi presidente do Grêmio Estudantil, eleito na chapa que se intitulava “Coração de Estudante”, do Colégio Estadual São Cristóvão; foi o principal idealizador do *Jornal Coração de Estudante*, apesar de sua pouca idade na época.

O artigo se divide em três partes. Na primeira, se discute a ideia do jornal produzido pelos estudantes do Colégio Estadual São Cristóvão em 2007, como integrante de uma cultura material da escola. Na mesma seção também se problematiza o conceito de cultura material escolar e cultura escolar, uma vez que se procura compreender o jornal enquanto um artefato cuja definição se encontra no âmbito da discussão que se fará nessa parte do texto. Na segunda parte do artigo, com base no relato oral do ex-presidente do GE, os autores analisam as duas edições do referido periódico, buscando capturar os posicionamentos estudantis, sejam políticos, culturais ou referentes às decisões e/ou ações da instituição na qual se achavam. Na terceira parte, além de analisar os possíveis indícios contidos no jornal que expressavam o acordo e as mudanças da ritualidade da escola, discute-se a ideia de Certeau (2014) sobre o espaço no corriqueiro e no urbano. Entende-se que a ritualidade da escola se constitui numa cultura de escolarização que se dá, segundo analisa Vidal (2006, p. 157), como “negociação possível entre os interesses dos diferentes grupos sociais, a lógica do funcionamento institucional e a pragmática das ações dos sujeitos educacionais”. Assim, busca-se analisar como a produção do jornal alterou os espaços, haja vista que sua criação, flagrantemente inédita, não se encontrava no rotineiro da escola, cujo “olha totalizador” o restringia a mero mecanicismo, reduzindo os efeitos positivos da pluralidade dos sujeitos que o preenchiem.

A escolha em trabalhar a produção estudantil, como forma metodológica de ingressar num dado período da educação no Brasil, tem por objetivo explorar a cultura que, forjada em cada ponta das escolas, se disseminou em suas bordas, e valorizar a produção dos jovens que, interessados, participavam da vida de suas instituições, ainda que isso se ache secundarizado nas prateleiras de inúmeros pesquisadores da história da educação.

Desde logo, sabe-se que o *Jornal Coração de Estudante*, no ano de 2007, ano em que foi fundado, era um informativo produzido pelo GE do colégio no qual se encontravam os seus produtores, como é possível constatar na figura 1, que revela a capa das edições de setembro e outubro de 2007, em que o principal texto, na primeira, tratava dos agradecimentos em relação à eleição do GE, e a segunda, referia-se à vida de Walquíria Afonso da Costa⁵, nome do GE, recém-criado.

Figura 1 – Edições do *Jornal Coração de Estudante*



Fonte: autores (2023).

Nada consta, nas edições do JCE, a respeito de sua periodicidade, todavia, acredita-se que circulava uma vez ao mês, posto que foram encontradas as edições de setembro e de outubro. Com quatro páginas, as edições do periódico tinham em sua terceira parte um espaço editorial, que contava com os nomes da diretoria do GE, o nome do jornalista responsável, o número de exemplares impressos e a gráfica encarregada. Ambas as edições do jornal aqui analisadas possuíam uma parte dedicada às “risadinhas”, que eram piadas selecionadas pelos integrantes do GE; uma parte sobre “Política”, escrita pelo então presidente do GE, com análises acerca de algum assunto; e outra sobre o

⁵ Como se pode ler no JCE, Walquíria Afonso da Costa foi “uma grande lutadora do povo”, uma vez que lutou contra a ditadura civil-militar de 1964. Ainda segundo o periódico, Walquíria participou da Guerrilha do Araguaia. Aprisionada em 1973, foi tortura e depois executada (VIDA DE..., 2007b, p.01).

Paraná, veiculando notícias a respeito do estado. Ademais, outros assuntos atravessam o periódico, como informações acerca dos clubes de futebol da região e notícias do próprio GE. Outrossim, a partir das capas do periódico aqui apresentado, aponta-se, de imediato, a riqueza que a pesquisa acerca da produção estudantil pode anunciar, haja vista que a referida produção não é única entre o universo escolar, não obstante guarde peculiaridades e uma história própria.

Alguns anos depois, o jornal deixou de ser um informativo local, estritamente do colégio onde se originou, para circular nas demais escolas do município de São José dos Pinhais, uma vez que nas edições seguintes os assuntos do jornal se remetiam a questões de outras instituições, além de notícias de acontecimentos sociais e culturais do município. Mais recentemente, por volta do ano de 2015, o periódico era veiculado em outros municípios da região metropolitana de Curitiba, conforme é possível notar em suas edições a partir desse ano, porque no espaço editorial essa informação era acusada. Então, continha informações acerca dos acontecimentos políticos, culturais e econômicos da região e não apenas os relacionados ao campo educacional⁶. Esta última preocupação, motivo pelo qual foi fundado, fez-se presente na maioria das edições do jornal, particularmente no intuito de divulgar as ações da entidade municipal de estudantes⁷ e dos Grêmios que a ela se achavam filiados.

A cultura material da escola e a opção metodológica pelo jornal produzido pelos estudantes

Antes da discussão sobre o objeto deste trabalho, convém apontar que sua elaboração se resumiu, a princípio, na transposição do pensamento que, circunscrito no terreno das pesquisas acerca da cultura escolar, inclina-se a diminuir a potência das contribuições estudantis à vida das instituições escolares. Para ficar mais claro: na medida em que se propôs tomar a produção dos estudantes como objeto de estudo, no intuito de refletir sobre as instituições de ensino, percebeu-se que a superfície formada pela

⁶ Essa informação é possível de ser verificada no blog do jornal, em funcionamento até 2020. Lá também se podem observar as dezenas de edições do jornal, embora se limite à capa de cada edição do periódico. O endereço do blog é: <http://jornalcoracaodeestudante.blogspot.com/>. Acesso em: mar. 2021.

⁷ A União Municipal dos Estudantes Secundaristas (UMES) de São José dos Pinhais é uma entidade organizada pelos estudantes secundários do município, que pretendia defender os direitos de seus filiados localmente.

historiografia acerca da educação, particularmente a que se refere à cultura material da escola, possuía três enfoques bem consolidados, que, de alguma maneira, tornavam espinhoso o estudo sobre a produção estudantil, haja vista que suas abordagens privilegiavam a relação com os artefatos a partir das preocupações pedagógicas, oriundas do ponto de vista dos professores.

De acordo com Vidal (2017), seguindo na esteira das considerações de Juri Meda (2015, p. 9-10 *apud* VIDAL, 2017, p. 258), o primeiro enfoque trata do escrutinamento das práticas educativas passadas em sala de aula; “o segundo se interroga sobre o artefato como um produto industrial e um objeto de consumo, colocando sua natureza pedagógica em segundo plano” (VIDAL, 2017, p. 258); o terceiro, apoiado no pensamento de Martin Lawn e Ian Grosvenor, refere-se ao entendimento da “materialidade a partir de sua relação com a cultura do trabalho”, quesito importante na formação da identidade dos professores (VIDAL, 2017, p. 258). Desse modo, resta saber o lugar em que se encaixaria a contribuição dos estudantes, inscrita em um jornal por eles produzido: se na maneira como produziam e se apropriavam dos artefatos, designando a eles os mais diversos sentidos, ou se na forma como o tomavam, resistindo aos seus usos.

É preciso, então, estabelecer uma compreensão sobre a definição de cultura material escolar, a qual se inicia, segundo uma reflexão mais ampliada de Souza (2007, p. 176), como “os mais diversos componentes materiais ligados ao mundo da educação”. Assim, defende-se o alargamento de seu alcance, o arrastando para além de um ou outro produtor, como também da sala de aula, não obstante seja no seu interior concebido, emergido. Em outras palavras, trata-se de observar os artefatos intraescolares, produzidos ou modificados por meio da ação dos que com ele se relacionam, como objeto de intervenção e passível de remodelação pelos estudantes, seja no intuito de promover a circulação de suas ideias ou de reforçar e legitimar a ritualidade com a qual consentem.

Esse é o caso dos jornais escolares, que assumem no decorrer da história múltiplas facetas, conforme fica evidenciado em Freinet (1974), ao discorrer sobre o feito da Escola Decroly, na Bélgica, após a Segunda Guerra Mundial, em que o uso de jornais foi reconhecido enquanto uma experiência renovadora, porque lhe são atribuídos dois pressupostos em relação à sua produção: “quanto ao conteúdo, o texto livre [;] quanto à

técnica de impressão, a imprensa escolar [...]” (FREINET, 1974, p. 10). No caso do presente artigo, diferentemente da perspectiva com a qual Freinet se preocupava, o jornal produzido pelos estudantes do Colégio Estadual São Cristóvão configurava-se em um meio de noticiar e se posicionar ante os acontecimentos que ocorriam na escola, mas também, em alguns casos, fora dela, além de reforçar, na medida em que o impresso em questão se incorporava à ritualidade da escola, à gramática dos corredores em que circulavam.

É importante destacar que o emprego da noção de cultura material em pesquisas historiográficas não é recente e sua aplicação remonta a uma necessidade do século XX em não se “limitar ao uso dos documentos escritos”, conforme analisa Vidal (2017, p. 256), que considera que a operação historiográfica nesse período era “incitada a incluir outras fontes no reconhecimento da materialidade da experiência humana” (VIDAL, 2017, p. 256). No campo da educação, a preocupação com os artefatos que formam a materialidade da escola ainda é objeto de poucos estudos, embora a variedade de itens a serem pesquisados seja abundante, porque a formação das instituições escolares, com o advento do mundo moderno, consolidou-as como fonte de adornamentos, cuja implementação se pauta na “incessante busca [por sua] racionalização [...] como organização”, em que se procura “tornar o ensino mais produtivo e eficiente, as aulas mais motivadas e atrativas, a educação mais moderna” (SOUZA, 2007, p. 165).

Olhar para o mundo material da escola é, então, um exercício do qual os historiadores da educação são convocados a participar; de reconhecimento da historicidade das instituições escolares, que se desdobrou no âmago dos projetos civilizatórios da era moderna, materializando-se enquanto se materializavam os meios com os quais se instruíam os sujeitos de seu entorno. Os objetos que hoje se observam, frutos da consolidação dessa materialidade, embora pertencentes a um período em específico, validam-se, segundo aponta Meneses (1980), em função de sua *plenitude*, isto é, “um bom objeto histórico é aquele que é capaz de se apresentar como sendo alguma coisa de acabada, pronta, plena”. Talvez, por esse motivo, “um artefato antigo não é algo ao qual se possa ainda acrescentar alguma coisa. Ele já se perfez, já se fez inteiramente. Qualquer acréscimo é externo à sua realidade” (MENESES, 1980, p. 9). Em relação a essa condição do artefato, Meneses afirma ainda que ele

não está sujeito à degradação a que eu, por exemplo, como um ser em trânsito, estou. O objeto histórico, não. Ele está terminado na sua própria finalidade e realidade física. É um ser definido, imune à mudança, invulnerável. Está no presente, mas como já tendo existido e permanecido. (MENESES, 1980, p. 9)

Desse modo, entendem-se os artefatos como objetos que se deslocam, mesmo imodificáveis, porque ganham múltiplos sentidos e significados, uma vez que são apropriados por sujeitos diferentes. Amparado em Viñao Frago (2012, p. 12), quando considera que “los usos y sentidos de los restos y huellas materiales e inmatrimales del pasado difieren, como difieren sus significados, en función de quién, desde dónde, cómo y con qué fines se mira”⁸, é que se entende, também, que os artefatos se inclinam a depender de quem os apanha, por isso o uso que dele é feito é suscetível a deslocamentos. Esse deslocamento, no entanto, não diz respeito a sua forma e conteúdo pelo motivo que o artefato, cuja materialidade foi constituída no passado, deve ser reconhecido, ao mesmo tempo em que é observado, como produção de indivíduos que não mais o podem alterar. Então, acredita-se que tal movimentação é decorrente das perspectivas de pesquisas e leitura dos que no objeto se envolvem, pois, uma vez inalterável, o artefato não se adapta ao presente e nem a ele é sujeitado, todavia é por meio dele que se emerge enquanto caminho para se problematizar e compreender questões do período em que foi produzido, pensado, fundado.

O jornal aqui examinado, produzido pela síntese dos que sobre ele se debruçavam, recolhido enquanto objeto/indício dos modos de fazer dos estudantes que se encontravam na escola, insere-se numa cultura material escolar porque o referido artefato dela se abastecia, se pautava e nela agia, contornando-a, isto é, ajudando a escola a se caracterizar e a definir a vida que se sucedia ao seu redor. Por fim, o jornal era produto dos sujeitos, mas também da tradição que os prendia; do arcabouço em que historicamente se tem identificado o meio escolar, quiçá conhecido pela tarefa, adornada de vários elementos, materiais e imateriais, de transmitir um conhecimento determinado às novas gerações que em suas fileiras ingressavam.

⁸ “Os usos e sentidos dos restos e vestígios materiais e imateriais do passado diferem, como diferem seus significados, em função de quem, de onde, como e com que finalidade se olha” (VIÑAO FRAGO, 2012, p. 12, tradução nossa).

“Voz e vez”: o *Jornal Coração de Estudante*

No mês de junho do ano de 2007, ocorreu nas dependências do Colégio Estadual São Cristóvão, localizado no município de São José dos Pinhais, a primeira eleição do GE da instituição. Durante o período dessa escolha, o município de São José dos Pinhais atravessava uma fase de efervescência do movimento estudantil, sobretudo no início do ano, em que se originou, a partir da reunião de alguns Grêmios, a União Municipal dos Estudantes Secundaristas (UMES), cujo objetivo, segundo o relato de parte dos seus integrantes, era lutar pelos direitos da comunidade estudantil que se localizava naquela região (GANDIN, 2021).

Depois da contagem dos votos, realizada ao final do processo eleitoral do GE, constatou-se a vitória da Chapa Dois, denominada “Coração de Estudante”, com 557 votos. Também concorreram à eleição a Chapa Um, intitulada “São Cristóvão”, que obteve 35 votos, e a Chapa Três, denominada “Partido dos Direitos Estudantis (PDE)”, que recebeu 51 votos, segundo noticiou a primeira edição do informativo dos estudantes do Colégio Estadual São Cristóvão (ELEIÇÕES, 2007a, p.1), informativo que mais tarde seria conhecido apenas como *Jornal Coração de Estudante* ou *Coração de Estudante*.

A implementação do referido jornal, ocorrida logo após a posse dos membros da chapa vencedora, iniciou-se, conforme o relato do ex-presidente do GE, eleito após o pleito de junho do ano de 2007, “[...] com a ideia de ser um jornal apenas informativo [...] que levasse as notícias do que a gente fazia até os alunos [...]” (FERREIRA, 2021. Informação verbal). Contudo, observando as publicações de setembro e outubro do jornal, nota-se que o informativo era mais do que uma maneira de noticiar uma ou outra atividade, como, por exemplo, a instalação de uma ouvidoria, cuja finalidade se constituía em receber sugestões, críticas ou reclamações acerca das atividades do GE.

Na verdade, o jornal era um espaço em que se localizavam a opinião, o posicionamento político e as intenções dos estudantes que o produziam, como fica evidenciado numa publicação, assinada pelo então estudante Rafael Ferreira, intitulada “política”, em que se chama a atenção para uma suposta “insistência da mídia em tentar ridicularizar o governo estadual e federal” (FERREIRA, 2007b, p. 2). De acordo com o estudante, “aqui no Paraná, os jornais estaduais não deixam um dia sequer de colocar

uma matéria ou opinião maldosa contra o Requião⁹, frequentemente se vê nas manchetes frases para confundir o leitor [...]” (FERREIRA, 2007b, p. 2). Assim, mais do que noticiar ou divulgar uma ideia, o *Coração de Estudante* se colocava politicamente, apontando as ambiguidades, segundo a ótica de seus autores, que se instalavam nos outros meios de comunicação, notoriamente maiores.

Nessa mesma edição do jornal, num texto sem autoria explícita, chamado “que os estudantes tenham voz e vez”, expõe-se a seguinte questão: “futebol, política e religião não se discute [,] certo? Errado”. O argumento que corroborou a negativa da frase foi o seguinte: “respeitando opiniões diferentes da nossa, devemos, sim, discutir todo e qualquer assunto. O importante é buscar outras visões e aperfeiçoar nossos conhecimentos. Desse modo, poderemos também ampliar nossa participação e contribuir para melhorar a sociedade” (QUE..., 2007b, p. 3). Em seguida, o articulista afirmava que, para tanto, se pode

participar de Grêmios Estudantis, centros acadêmicos, sindicatos, associações de moradores, ONGs e das entidades representativas dos estudantes de ensino fundamental e médio, como a UBES (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas), a UPES (União Paranaense dos Estudantes Secundaristas), as entidades municipais e outras. São entidades importantes e que lutam por melhores condições de ensino e de vida para todos os brasileiros. (QUE..., 2007b, p. 3)

No final desse texto, em que se aponta a imperiosidade da discussão de todo e qualquer assunto, ainda há um convite para que o leitor, caso desejasse ser ouvido ou quisesse participar dos movimentos estudantis, procurasse a diretoria do GE. Assim, deduz-se que o interesse por parte dos produtores do jornal em ampliar o número de estudantes no GE era uma das agendas da entidade, que tornou o “Coração de Estudante” seu principal meio de comunicação e de ligação com o espaço que ocupava.

Fora a intenção de angariar mais pessoas para o GE, observa-se que o jornal veiculava não só um determinado ponto de vista político, mas também uma crítica à ideia segundo a qual não se deveria discutir política. Além disso, esse posicionamento revelava, ainda que de modo tácito, uma segunda perspectiva dos produtores do jornal, a de que

⁹ Roberto Requião de Mello e Silva foi governador do Paraná por três vezes, nos períodos de 1991-1994, 2003-2006 e 2007-2010. Ele também foi prefeito da capital paranaense e Senador da República. Em todas essas oportunidades, Requião se achava filiado ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), atualmente apenas MDB.

os jovens e estudantes se interessavam por política, conforme ficou expresso nas edições de setembro e outubro, que continham matérias acerca da política brasileira, como é o caso do texto, sem autoria mencionada, denominado “Renan Calheiros e o Senado”, no qual se assinalou que “nada mais me surpreende quando vem à tona o caos e a sujeira que tem sido a política brasileira” (RENAN..., 2007b, p. 1), presumivelmente em referência à absolvição do então senador Renan Calheiros pelo Senado Federal, em setembro de 2007¹⁰. Dessa forma, manifestar opiniões e ideais sobre o momento político do país era uma das trivialidades do jornal, como também era o empreendimento de análises sobre o desempenho dos clubes de futebol da região de Curitiba, Atlético Paranaense¹¹, Coritiba e Paraná, feitas pelos estudantes, decerto escolhidos pelo GE¹².

Na edição de setembro do *Coração de Estudante*, os seus produtores, provavelmente no intuito de mostrar o orgulho que sentiam acerca de sua produção, celebraram a condição de “1º veículo de comunicação” (PROPOSTAS, 2007a, p. 1) estudantil que a escola já possuiu. Muito possivelmente em razão das dificuldades em editar e imprimir o jornal, coisa que financeiramente era solucionada pelo “[...] caixa do próprio grêmio, que na época a principal origem era a questão de rifas [...]” (FERREIRA, 2021. Informação verbal), é que os estudantes empregavam frases ou lemas de efeito, enaltecendo suas próprias ações.

Quanto à finalidade que os estudantes deram ao jornal, a qual consistia em divulgar as ações, sobretudo do GE, é interessante pensar em como isso pode tê-los colocado numa posição mais destacada, uma vez que, por intermédio da publicação do *Coração de Estudante*, seus produtores ocupavam mais espaços na escola, certamente em razão de duas questões: a circulação mais acelerada do impresso, que se dava de mão em mão; e a circulação das ideias expressas no jornal. Esse último ponto, no entanto, era muitas vezes ou na maioria das vezes estabelecido segundo a perspectiva do então presidente do GE, conforme relatou o entrevistado, “na época [...] as pautas eram

¹⁰ Sobre esse episódio é possível consultar a seguinte matéria, publicada pelo portal de notícias G1, chamada “Renan Calheiros é absolvido no Senado”, escrita por Eduardo Davis: <http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/o,,AA1631934-5602,00RENAN+CALHEIROS+E+ABSOLVIDO+NO+SENADO.html>

¹¹ Atualmente o nome do clube é Athletico Paranaense.

¹² Tanto na edição de setembro quanto na edição de outubro, a coluna sobre os clubes de futebol se encontra na página 4.

normalmente definidas por mim, o que acontecia é que tinha a participação de outras pessoas para fazer os conteúdos [...]” (FERREIRA, 2021. Informação verbal), isto é, o que se veiculava no JCE era, normalmente, do interesse do presidente do GE.

A produção do jornal, assim que se popularizou, logo serviu como propaganda da gestão que acabara de ser eleita. Nas palavras de seus membros, “com o tempo eleito já terminado, podemos dar início aos projetos que foram colocadas como proposta na campanha, dentre eles está o nosso jornal, comprovando competência e seriedade dos nossos trabalhos, concretizando [...]” (PROPOSTAS, 2007a, p. 1). Nota-se que o periódico era, provavelmente, a grande ação da chapa “Coração de Estudante”, que logo que eleita pretendeu mostrar um grau de trabalho intenso, a despeito do apoio duvidoso que recebia da direção escolar, quiçá preocupada com outras questões da instituição, como se evidência no relato do entrevistado ao contar que, embora tivessem “muito apoio pra fazer [,] era um apoio, vamos dizer assim, moral..., não mão na massa” (FERREIRA, 2021. Informação verbal). De acordo com o então presidente do GE, essa colaboração, a princípio aguardada pela entidade estudantil, entre estudantes, professores e gestão da escola, foi difícil de ser consolidada, porque havia um conjunto de pessoas que atuavam contra as iniciativas do GE. Segundo o relato a respeito desse cenário, o entrevistado e ex-presidente do GE, afirmou que

[...] na época era uma relação um pouco difícil, né..., a gente definiu o corpo docente da escola em dois grupos, os que apoiavam totalmente e os que não apoiavam totalmente, e nesse caso não era claro quem apoiava e quem não apoiava, então a produção era muito dependente nossa por parte dos alunos, e muito pouco envolvimento com o restante da escola. (FERREIRA, 2021. Informação verbal)

Quando se observa que a escola não possuía um consenso em relação à importância da produção dos estudantes, presume-se que a publicação do jornal era um ato que, por um lado, representava o inconformismo diante do pouco apoio que recebia, e, por outro, a síntese de uma luta coletiva por um projeto que dava voz aos estudantes. Essa bifurcação quanto ao posicionamento dos professores expressa, também, o abismo que existia entre eles sobre a produção que os estudantes empreendiam na escola. Assim, a circulação do “Coração de Estudante” levou a tornar mais explícita a concepção

que enxergava as instituições escolares por meio de um “olhar totalizador”, em que os sujeitos cumpriam, uniformemente, a tarefa de ensinar e aprender por meio da transferência, por parte dos professores, de conhecimentos aos alunos em sala de aula.

“O jogo dos passos”: a modificação dos espaços e a ritualidade escolar

Ao escrever sobre a ritualidade da escola, acredita-se que se esteja ratificando a existência de um modo de fazer corriqueiro dos que se acham em seu interior, e, também, se esteja compartilhando a ideia de Escolano Benito (2017, p. 79) de que a escola só muda quando se intenta mudar os seus “ritos estabelecidos”. Não é propósito deste artigo afirmar que as produções que emergem na escola contribuem para mudar, invariavelmente, o seu modo de se organizar; entretanto, é objetivo deste trabalho mostrar que a escola é passível de ser mudada, transformada segundo as produções de seus integrantes, sejam eles estudantes ou professores.

Certeau (2014, p. 163), quando afirma que os “jogos dos passos moldam espaços [e] tecem lugares”, permite o frutificar de profícuas reflexões sobre as transformações que decorrem no ambiente escolar a partir da produção dos sujeitos, mesmo que esses o façam sem a intenção, imediata, de modificar o lugar onde se acham. Ocorre, contudo, que os passos dos que se encontram na escola guardam uma dupla interpretação. Por um lado, eles são indomáveis, porque ninguém os pode controlar, portanto, são impossíveis de serem previstos, pois afirmar com exatidão o caminho que perfazem todo dia é quase que impossível, uma vez que a vontade dos sujeitos e seus desejos são suscetíveis a diversos eventos que os modificam quase que diariamente. Por outro lado, a escola possui uma gramática que força os sujeitos a darem alguns passos em comum. Nenhum estudante, por exemplo, pode ir à escola, em seu horário de estudos, e ficar fora da sala de aula por um longo tempo. Todos devem ir à sala de aula. De igual maneira, todos os professores devem frequentar o espaço onde se encontra o ponto de frequência de suas atividades, e, também, devem frequentar o caminho que os leva à sala de aula. Ou seja, professores e alunos são convidados a confirmar, ordinariamente, uma ritualidade que se constituiu historicamente.

A primeira e quiçá a fundamental modificação da ritualidade da escola que se empreendeu com a publicação do jornal, referiu-se aos efeitos da leitura do *Coração de*

Estudante pelos professores e estudantes da escola. Antes resignadas à borda das discussões, com a circulação do jornal, as ideias estudantis foram ganhando notoriedade e, certamente, um peso maior nas decisões acerca dos rumos da instituição. A leitura do jornal pela comunidade escolar se estabeleceu, então, como uma das principais consequências de sua produção, ainda que seja muito difícil apontar o grau de repercussão que teve no pensamento e na formulação das ideias dos sujeitos que o liam, porque a adoção de uma ou outra ideia pode ser resultado de vivências obtidas fora dos muros da instituição escolar.

Todavia, advoga-se que a produção do *Coração de Estudante* acabou por forçar a sua leitura, influenciando ou, na melhor das hipóteses, instigando os seus leitores a pensarem sobre o que liam. A inclusão do jornal na vida cotidiana da escola remodelou a sua dinâmica, pois os estudantes passaram a deter uma forma de expressar suas opiniões, coisa que serviu, por exemplo, para explicitar alguns consensos entre seus frequentadores, como foi o caso da luta pela construção do novo prédio da instituição. Sob o título, “luta da comunidade escolar de São Cristóvão na conquista de uma nova escola” (LUTA DA..., 2007a, p.3), os estudantes pediram uma maior participação da comunidade:

Essa luta é de muitos anos, pois os governos municipais e estaduais não investiram até hoje, nada foi construído pela comunidade. Hoje com a pressão de alguns pais, professores, funcionários, houve o repasse do terreno onde se localizava o prédio foi repassado para o Estado também foi adquirido outro terreno para a construção do Pedro Fuss (materiais de construção Maleski). Hoje a promessa é de através da empréstimo da Prefeitura construir o Pedro Fuss. Do Estado é que esta sendo elaborado o projeto arquitetônico para iniciar as obras em 2008. Precisamos de maior participação dos pais, professores, funcionários e alunos nesta luta junto as autoridades [...]. (LUTA DA..., 2007a, p.3)

A matéria acima, escrita pelos estudantes, mostra que os produtores do jornal não se descolavam das discussões e temáticas a que a escola se atinha. Pode-se perceber, nesse texto, que o *Jornal Coração de Estudante* cumpria o papel de mobilizar a comunidade e seus leitores, seja em função das causas estudantis ou das demandas coletivas, reivindicadas por professores e/ou pais de alunos. Portanto, ainda que aparentemente tímido, é possível que o referido texto tenha contribuído para a construção do novo prédio, porque sua veiculação deve ter mobilizado muitas outras

peessoas a se engajarem nessa luta. Então, presume-se que os conteúdos do jornal guardavam, com efeito, uma intenção que pode ser observada a partir de dois pontos de vista: por um lado, uma disposição de seus produtores em se colocarem como protagonistas das lutas da escola; por outro, uma necessidade de manifestarem suas posições. Esse tipo de postura é notado, novamente, numa outra publicação do jornal, denominado “Merenda”, na edição de outubro de 2007, em que os estudantes pediam ajuda aos alunos e à comunidade para “evitar a interrupção do atendimento”. O texto afirmava que

Como vocês bem sabem, o prazo para o envio da Merenda Escolar está previsto para depois da primeira quinzena deste mês de outubro. Enquanto durar este prazo a merenda não será enviada, pedimos a colaboração de todos vocês com a doação de alimentos para que seja feito o lanche que é tão importante para todos nós, mesmo que você não utilize o lanche da escola, ajude! (MERENDA, 2007b, p.4)

Há nessa menção, antes de tudo, o flagrante de uma ritualidade da escola. Todos os dias os estudantes recebem a merenda, e o apelo para que a comunidade contribua, a fim de que as refeições não acabem, trata de garantir o curso de um dos ritos da escola. No entanto, não é viável afirmar, por esse motivo, que a escola seja identificada, unicamente, por sua capacidade de transmitir às novas gerações alguns conhecimentos: há outros eventos que ocorrem em seu interior que a tornam a escola que atualmente se conhece, não à toa que ela se regula a partir de ritualidades específicas, como aponta Escolano Benito (2017). Interessante observar, a partir dessas duas matérias, sobre a construção do novo prédio e a merenda, como os estudantes, por meio do *Coração de Estudante*, participavam e ditavam, juntamente com outros sujeitos, o ritmo da escola ou ao menos de suas bandeiras. Quer dizer, a circulação do jornal deu visibilidade à atuação estudantil, modificando, certamente, as formas pelas quais se reunia à comunidade para defender as pautas de seus interesses.

Divulgada na edição de setembro do jornal, a “Gincana”, evento organizado pelo Grêmio Estudantil, que reunia várias atividades como “futsal, corrida do balde, ping pong, xadrez” era “uma atividade recreativa aos alunos”. Ainda de acordo com a publicação, a “gincana foi uma lembrança ao dia do estudante que aconteceu no dia 11 do mês” (GINCANA, 2007a, p. 4). Interessante pensar, a partir da realização da gincana, em como

os ocupantes de um dado lugar se restabelecem conforme a relação que os circunda. A gincana, ao que parece, não existia antes da fundação do GE e do seu jornal, e sua realização só foi possível quando o GE passou a se constituir como uma organização no interior da escola. Ou seja, a história da inclusão da gincana como parte da rotina da escola só pode ser observada caso se reconheça o poder das mobilizações, arranjos e mudanças que se originam a partir da relação dos sujeitos que se encontram na escola.

Desse modo, ao se enxergar a escola por meio de uma lente totalizadora, deixa-se escapar de seu alcance a “estranheza do cotidiano que não vem à superfície, ou cuja superfície é somente um limite avançado, um limite que se destaca sobre o visível” (CERTEAU, 2014, p. 159). Para esse modo de olhar o espaço escolar, as mudanças que ocorrem em seu cotidiano são uniformes, sem potencialidade de alterar seu campo de visão. Portanto, mesmo que os sujeitos caminhem por caminhos diferentes ou façam algo diferente daquilo a que haviam se acostumado, a impressão de quem os enxerga com um “olhar totalizador” é inalterável, incapaz de reconhecer as tentativas, convergências, disputas, conquistas e mudanças empreendidas pelos sujeitos que, a partir de seus passos, empreendem as mudanças nos espaços que frequentam.

O surgimento do *Jornal Coração de Estudante*, proveniente da criação do GE no Colégio Estadual São Cristóvão, emplacou, também, a prática da realização de rifas, como forma de manter a produção do periódico e de outras atividades do GE. Na edição de setembro do jornal, é possível observar o quanto o GE arrecadou e quem foram os ganhadores. Segundo o JCE houve, no turno da manhã, a venda de 944 números, e a arrecadação de R\$ 472,00; no turno da tarde, houve a venda de 53 números, e a arrecadação de R\$ 31,50; e, por último, no turno da noite houve a venda de 158 números, arrecadando-se R\$ 79,00. O total de recursos arrecadados foi de R\$ 582,50, e os ganhadores foram três alunos, um de cada turno (BALANÇO..., 2007a, p. 3).

O emprego de rifas como meio de garantir a produção do jornal e as atividades do GE é mais um exemplo de como os espaços da escola são suscetíveis às mudanças conforme as ações de seus frequentadores, e como a cultura da escola “se desenvolve no mundo da vida e nos contextos que o integram” (ESCOLANO BENITO, 2007, p. 82), embora o estabelecimento de novas práticas e rotinas dificilmente chegue a fugir da gramática que conforma a escola que conhecemos. Todavia, o que se pode depreender

das matérias e reflexões aqui inseridas é o quanto a escola é um espaço demarcado pelos sujeitos que cotidianamente o frequentam, e o quanto ela se forma e é constituída pelos estudantes que a compõem, como fica evidenciado quando, por exemplo, um GE produz um jornal para fazer circular suas ideias e realizações.

Considerações finais

Dentre as questões discutidas neste artigo, em particular a modificação do espaço conforme os “passos” dos sujeitos que o frequentavam, uma se apresenta como imprescindível de ser levada adiante pelos pesquisadores e futuros pesquisadores em história da educação, a saber: o efeito das produções estudantis na formação das práticas que se conformam nas instituições escolares ou a modificação da ritualidade das escolas ocasionada pelo surgimento das produções estudantis. A depender dos documentos que o historiador obtiver acesso, é possível redigir uma história da participação estudantil na escola, como a que se tentou fazer ao longo do texto, destacando as mais diferentes produções estudantis e seu desdobramento na formação do espaço escolar. Todavia, essa tentativa, seguramente ousada, requer a adoção de uma postura perspicaz, no sentido de não deixar passar qualquer indício, fragmento ou rastro da, mesmo que pequena, modificação da ritualidade escolar, resultante da inserção dos estudantes.

Os artefatos escolares, concebidos em função do olhar crítico e analítico dos historiadores, não podem ser interpretados como produto que se originou, unicamente, da ação dos professores ou dos adultos. Talvez pouco investigado, certamente pela ausência de materiais disponíveis à pesquisa, a produção estudantil se mostra como parte da cultura da escola, aqui vista como um conjunto de práticas, histórica e socialmente estabelecidas. Recomenda-se, portanto, que os estudos acerca da cultura material da escola sejam reconhecidos, para se dar visibilidade às produções dos estudantes que, como no *Jornal Coração de Estudante*, mobilizaram ideias e uma forma de pensar e se colocar de seus produtores.

O *Coração de Estudante*, um artefato emergido e desenhado em função das necessidades estudantis, não apenas ajudou a compreender o panorama político que se vivia em 2007, marcado por análises e notícias de impunidade, no âmbito da política

brasileira; sobre a realidade educacional; acerca do plebiscito sobre a Companhia Vale; e, também, sobre a Companhia Paranaense de Energia (COPEL), como também ajudou a entender como a sua produção mexeu na ritualidade da escola, criando novos hábitos entre os seus frequentadores, como a mera ação de se defrontar, mensalmente, com um jornal que expressava a opinião e os interesses dos estudantes. A criação de gincana e a venda de rifas também são um exemplo de como a instauração do GE contribuiu para uma mudança da ritualidade da escola, difundida pela veiculação do jornal, que dava às ações do GE mais visibilidade.

A publicação do *Jornal Coração de Estudante*, iniciada com a fundação do Grêmio Estudantil do Colégio Estadual São Cristóvão, originou-se, a princípio, do esforço coletivo de seus estudantes, que, ao frequentarem os corredores da instituição, modificaram sua ritualidade, ainda que, de alguma forma, mantendo sua gramática, estabelecida historicamente. No entanto, considerando que o espaço seja resultado do contorno que ganha segundo a identidade e as ideias dos sujeitos que o frequentam, acredita-se que as ações e a maneira pela qual os estudantes se posicionavam, por meio de seu jornal, certamente ofereceram ao espaço em que pisavam uma nova vida, com novas preocupações e visões sobre a escola que frequentavam. Afinal, a escola, na medida em que os sujeitos a ocupam com mais engajamento, dá a si própria novas perspectivas, sentidos e significados.

Referências

BALANÇO FINANCEIRO. *Jornal Coração de Estudante*, São José dos Pinhais, p. 3, set., 2007a.

CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. São Paulo, SP: Forense Universitária, 2013.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*: 1. artes de fazer. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

DAVID, Priscila. História oral: metodologia do diálogo. *Patrimônio e memória*, São Paulo, Unesp, v. 9, n. 1, p. 157-170, jan./jun. 2013. Disponível em: <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/313>. Acesso em: 15 abr. 2021.

ELEIÇÕES. **Jornal Coração de Estudante**, São José dos Pinhais, p. 1, set., 2007a.

ESCOLANO BENITO, Augustín. **A escola como cultura: experiências, memórias e arqueologia**. Campinas: Editora Alínea, 2017.

FERREIRA, Rafael. [Entrevista cedida a] Rudá Morais Gandin, São José dos Pinhais (PR), 10 fev. 2021.

FERREIRA, Rafael. Política. **Jornal Coração de Estudante**, São José dos Pinhais, p.2, out., 2007b.

FREINET, Celestin. **O jornal escolar**. Lisboa: Editora Estampa, 1974.

GANDIN, Rudá Morais. **As práticas estudantis da União Municipal dos Estudantes Secundaristas de São José dos Pinhais (2007-2015)**. 158 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2021.

GINCANA. **Jornal Coração de Estudante**, São José dos Pinhais, p. 4, set., 2007a.

JORNAL CORAÇÃO DE ESTUDANTE. **Informativo dos estudantes do Colégio Estadual São Cristóvão**. São José dos Pinhais, set. 2007a.

JORNAL CORAÇÃO DE ESTUDANTE. **Informativo dos estudantes do Colégio Estadual São Cristóvão**. São José dos Pinhais, out. 2007b.

LUTA DA comunidade escolar de São Cristóvão na conquista de uma nova escola. **Jornal Coração de Estudante**, São José dos Pinhais, p. 3, set., 2007a.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. **O objeto material como documento: reprodução da aula ministrada no curso “Patrimônio Cultural: políticas e perspectivas**. [S.l.]: IAB/CONDEPHAAT, 1980. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5577860/mod_resource/content/1/MENESES%2C%20Ulpiano%20Bezerra%20de.%20O%20objeto%20como%20documento.%201980.pdf. Acesso em: 24 abr. 2021.

MERENDA. **Jornal Coração de Estudante**, São José dos Pinhais, p. 4, out., 2007b.

PROPOSTAS. **Jornal Coração de Estudante**, São José dos Pinhais, p. 1, set., 2007a.

QUE os estudantes tenham voz e vez! **Jornal Coração de Estudante**, São José dos Pinhais, p. 3, out., 2007b.

RENAN CALHEIROS E O SENADO. **Jornal Coração de Estudante**, São José dos Pinhais, p. 1, out., 2007b.

SOUZA, Rosa Fátima de. História da cultura material escolar: um balanço inicial. In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino (org.). **Cultura escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007. p. 163-191.

VIDAL, Diana Gonçalves. Cultura e práticas escolares: a escola pública brasileira como objeto de pesquisa. **Hist. educ.**, Salamanca, 25, p. 153-171, 2006. Disponível em: https://revistas.usal.es/index.php/0212-0267/article/view/11177/pdf_6. Acesso em: 20 abr. 2021.

VIDAL, Diana Gonçalves. História da educação como arqueologia: cultura material escolar e escolarização. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 18, n. 36, p. 251-272, jan./abr., 2017. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723818362017251/pdf>. Acesso em: 14 abr. 2021.

VIDA DE Walquíria Afonso da Costa. **Jornal Coração de Estudante**, São José dos Pinhais, p. 1, out., 2007b.

VIÑAO FRAGO, Antonio. La historia material e inmaterial de la escuela: memoria, patrimonio y educación. **Educación**, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 7-17, jan./abr. 2012. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/10351/7538>. Acesso em 20 abr. 2021.

Recebido em: 16/11/2021
Revisões requeridas em: 20/01/2023
Aprovado em: 04/04/2023

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE
Revista Linhas
Volume 24 - Número 55 - Ano 2023
revistalinhas@gmail.com